Do “verão quente sindical” ao inverno trumpiano: uma análise da dinâmica política e organizativa atual do movimento sindical estadunidense

From “hot labor summer” to the winter of Trump: an analysis of current political and organizational dynamics of the American labor movement

Jana Karen Silverman*

Resumo

Após décadas de declive, desde a pandemia do COVID-19, o movimento sindical estadunidense mostra sinais de revitalização, com novos processos de organização, a realização de greves de escopo mais amplo no setor público e privado, e a incorporação de temas menos corporativistas nas suas pautas. Essa onda atual de sindicalização difere de outras tentativas recentes de aumentar o poder sindical por ser protagonizada mais diretamente pelos trabalhadores de base. Este artigo analisará a dinâmica atual sindical nos EUA, utilizando indicadores tanto qualitativos quanto quantitativos, para entender melhor suas rupturas e continuidades com as tradições do “sindicalismo de negócios” e do “sindicalismo social,” típicas do sindicalismo estadunidense. Os resultados preliminares dessa pesquisa indicam que, apesar das inovações qualitativas nas formas organizativas e posicionamentos políticos dos sindicatos estadunidenses que formam parte dessa nova tendência, ainda não houve um aumento de poder sindical quantitativo, devido a entraves legislativos, práticas antissindicais arraigadas por parte dos empresários, e a falta de expressões políticas partidárias mais ligadas à classe trabalhadora.

Palavras-chave: sindicalismo; relações de trabalho; ação coletiva; Estados Unidos

Abstract

After decades of decline, the US labor movement has demonstrated signs of revitalization since the COVID-19 pandemic, with new organizing practices, the realization of a larger and broader number of strikes in the public and sectors, and the incorporation of less corporatist issues in their social dialogue agendas. This new wave of unionization differs from earlier attempts to increase union power for being more directly protagonized by rank-and-file workers. This article will analyze the current union dynamics in the USA, using quantitative and qualitative indicators, to better understand the ruptures and continuities between the current situation and previous forms of unionism prevalent in the USA, including business unionism and labor liberalism. The preliminary results of this study indicate that, despite the qualitative innovations in the organizational forms and political positions of the unions that form part of this new current, there has not been an increase in quantitative strength, due to legislative limitations, widespread anti-union practices by employers, and the lack of political parties more directly linked to the working class.

Keywords: trade unionism; labor relations; collective action; United States of America

* Professora Visitante, Bacharelado em Relações Internacionais, Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

Introdução

Após décadas de declive, desde a pandemia do COVID-19 o movimento sindical estadunidense mostra sinais de revitalização, com novos processos de organização em setores econômicos e regiões geográficas com baixa densidade sindical, a realização de greves de escopo mais amplo no setor público e privado, e a incorporação de pautas menos corporativistas nas negociações coletivas e em processos de diálogo social. Essa onda atual de sindicalização difere de outras tentativas recentes de aumentar o poder sindical nos EUA, por ser protagonizada mais diretamente pelos trabalhadores de base e por mostrar mais independência política. Aliás, essa “sindicalização trabalhador a trabalhador,” utilizando a tipificação do Blanc (2024, p. 77), parece ter algumas características em comum com o movimento do novo sindicalismo que desabrochou no Brasil no final da década dos 1970, com a emergência de oposições sindicais mais radicais desafiando lideranças arraigadas em sindicatos de importância estratégica, o crescimento de uma corrente político socialista democrática dentro do movimento sindical, e rupturas com as formas de organização e mobilização sindical já existentes.

Este artigo analisará a dinâmica atual sindical nos EUA, utilizando indicadores tanto qualitativos quanto quantitativos e examinando em particular os casos dos sindicatos *United Auto Workers* (UAW) e *Starbucks Workers United* (SBWU), para entender melhor suas rupturas e continuidades com as tradições do “sindicalismo de negócios” e do “sindicalismo liberal,” típicas do sindicalismo estadunidense. Também indagaremos sobre os impactos iniciais da guinada nas políticas trabalhistas sob o segundo governo Trump, para constatar se essa nova onda sindical tem recalibrado a correlação de forças entre capital e trabalho de forma incisiva o suficiente para resistir às arremetidas antissindicais que já estão sendo lançadas pelo governo federal. Os resultados preliminares dessa pesquisa indicam que, apesar das inovações qualitativas nas formas organizativas e contestatárias dos sindicatos estadunidenses que compõem essa nova tendência, ainda não houve um aumento de poder sindical quantitativo, devido a entraves jurídicos, práticas antissindicais arraigadas e à falta de expressões políticas partidárias que representem mais diretamente a classe trabalhadora.

A metodologia dessa pesquisa contempla a realização de entrevistas semiestruturadas com atores diretamente ligados à nova onda de sindicalização nos Estados Unidos durante o período de agosto de 2023 a janeiro de 2024, combinado com observação-participação de reuniões e oficinas sindicais conduzidas por *Labor Notes*, o *Emergency Workplace Organizing Project* e o *National Labor Commission* dos *Democratic Socialists of America* (DSA) entre fevereiro de 2022 e maio de 2024. A pesquisa de campo foi complementada com a revisão de informações levantadas de fontes secundárias, como a imprensa sindical, revistas e jornais de esquerda dos EUA, e a literatura acadêmica relevante sobre o sindicalismo estadunidense. Igualmente, a metodologia contemplava a análise de dados quantitativos sobre o movimento sindical estadunidense através de fontes como o *Bureau of Labor Statistics* do Departamento do Trabalho dos EUA e o *ILR Labor Action Tracker*.

1. A revitalização sindical como abordagem teórica

Esta pesquisa pode ser situada dentro da crescente literatura acadêmica sobre renovação e revitalização sindical. Essa vertente dentro do campo dos estudos críticos do mundo do trabalho pressupõe que, em termos gerais, neste momento o sindicalismo mundial está encarando grandes desafios para manter sua relevância como ator

socioeconômico e político, devido às grandes transformações sociais, econômicas e produtivas impulsionadas a partir da instauração do modelo neoliberal nas últimas décadas ao redor do mundo. A globalização neoliberal quebrou os paradigmas fordistas em relação aos modelos de produção, precarizando, fragmentando e, em alguns casos, eliminando o trabalho fabril no setor industrial, substituindo-o pelo trabalho terceirizado, subcontratado e realocado para outros países com uma força de trabalho comparativamente mais barata, assim fomentando uma integração transfronteiriça dos circuitos de valorização do capital dentro das grandes empresas multinacionais. (Saad-Filho, 2023, p. 34). As novas formas de flexibilização laboral, combinadas com a globalização da produção e o sucateamento das políticas de bem-estar social em nome da “competitividade” têm aumentado a desigualdade dentro e entre os países e as classes sociais, assim dificultando mais as possibilidades de ação e representação coletiva dos trabalhadores. (Ramalho e Santana, 2003, p. 12-13) A instauração das cadeias globais de produção resultou na perda de densidade sindical em muitos dos países centrais, pois uma boa parte da base industrial dos movimentos sindicais em países como os EUA desvaneceu por completo, com o *offshoring* de mais de 7,5 milhões de empregos sindicalizados no setor de transformação entre 1980 e 2018. (Hernandez, 2018) Mesmo entre os sindicatos sobreviventes, sua capacidade de incidir na formulação de políticas públicas e de ampliar o escopo do diálogo social com os empregadores tem sido minado devido às mudanças estruturais nos mercados de trabalho que têm prejudicado a manutenção e criação de empregos decentes. (Clua-Losada e Horn, 2014, p. 105)

Neste contexto sombrio para a classe trabalhadora como um todo, as teorias que estão sendo desenvolvidas no marco dos estudos sobre revitalização sindical partem do entendimento de que os sindicatos ainda têm a capacidade de escolha entre a manutenção de seu *status quo* organizacional e a reconfiguração de suas modalidades de ação. Nos sistemas dinâmicos de relações de trabalho, entendido por Hyman como campos de disputa entre a mercantilização da força de trabalho e a sua descomodificação,¹ os trabalhadores sindicalizados podem usar sua influência para procurar saídas estratégicas às armadilhas organizativas impostas pela globalização neoliberal. (Bieler, 2018, p. 244) Em particular, os sindicatos que escolhem se renovar, podem desenhar e implementar estratégias diversas, com o propósito de aumentar coletivamente seu poder diante da sociedade e assim defender melhor os interesses dos trabalhadores. (Schmalz, Ludwig e Webster, 2018, p. 113)

De acordo com a teoria dos recursos de poder sindical, os tipos de poder sindical podem ser classificados em quatro: o poder econômico estrutural ligado ao posicionamento dos sindicatos nas cadeias de produção de bens e serviços; o poder associativo que mede a força interna e a representatividade das estruturas sindicais; o poder institucional que mede a capacidade dos sindicatos de incidir politicamente em espaços institucionais; e o poder societal que se refere ao poder de ganhar aliados na sociedade via discursos convincentes e a construção de coalizões. (Schmalz, 2017, p. 22) Neste sentido, esse artigo analisará as escolhas estratégicas empregadas recentemente tanto por novos grupos de trabalhadores nos EUA entrando pela primeira vez em ações coletivas de reivindicação de direitos, quanto por correntes específicas de sindicatos já estabelecidos, para poder entender melhor se essas escolhas estão efetivamente au-

¹ Ver Hyman (2002, p. 15).

mentando os recursos de poder sindical dos trabalhadores estadunidenses na conjuntura atual, e também para indagar se os impactos dessas mudanças pró-sindicais são apenas efêmeras ou estruturantes.

2. A caracterização do sindicalismo estadunidense: da conciliação de classes à luta de classes

O movimento sindical dos EUA tem fama de ser conciliador, fragmentado e politicamente conservador. Talvez essa caracterização seja acertada em certa medida, especialmente durante a segunda metade do século XX, levando em conta que, desde essa época, o sindicalismo estadunidense tinha que lidar com um marco jurídico hostil à sindicalização, com a abrangência limitada de suas negociações coletivas e com sua relação política subordinada e tênue com o Partido Democrata. (Wallace, Hyde e Vachon, 2022, p. 2) Mas é importante constatar que existia uma poderosa tradição sindical mais radical, com vertentes socialistas, comunistas e anarco-sindicalistas, antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial, que foi (quase) definitivamente eliminada do mapa sindical durante o macarthismo da década dos 1950. A nova onda de ação sindical atualmente sacudindo as estruturas do movimento sindical estadunidense tem similaridades estratégicas, ideológicas e até estruturais com essas tendências sindicais anteriores mais radicais, por exemplo com a mobilização de “minorias militantes” ligadas a organizações políticas anticapitalistas que estimularam os avanços na organização sindical nos anos 1930. (Uetrict e Eidlin, 2019, p. 40) Nesta seção, vamos recapitular as tipificações do sindicalismo estadunidense em perspectiva histórica, para enxergar, a partir daí, as mudanças e as continuidades entre o “novo sindicalismo estadunidense” que surgiu nos últimos anos e as formas sindicais prevalentes em períodos anteriores.

As raízes do movimento sindical estadunidense datam dos anos posteriores à Guerra Civil dos EUA, quando uma combinação de fatores, – incluindo a expansão da produção industrial e de desenvolvimento de obras grandes de infraestrutura física, uma recessão econômica pós-guerra e a incorporação de novos grupos de trabalhadores imigrantes com exposição prévia a ideologias socialistas e anarco-sindicalistas – a classe trabalhadora estadunidense levou à criação de organizações sindicais em escala local e nacional, como os *Knights of Labor* (KoL), que contou com mais de 729 mil filiados em 1886. (Brecher, 1997, p. 42) Mesmo nesses tempos embrionários, o movimento sindical estadunidense estava rachado entre tendências mais radicais, expressas naquele momento pelos KoL e por sindicatos locais liderados por militantes de grupos socialistas e anarquistas como o *International Working People's Association* – que depois entrou na história por ser a organização responsável por chamar o protesto que desencadeou no massacre do Haymarket Square lembrado globalmente agora no dia 1º de Maio –² e tendências mais corporativistas e menos politizadas, representadas no século XIX e no começo do século XX pela *American Federation of Labor* (AFL). Como veremos em seguida, essa tensão interna persiste até hoje.

Sem entrar numa análise histórica mais profunda do movimento sindical dos EUA, é importante mencionar que o ramo mais radical do sindicalismo teve muito destaque entre a grande onda de greves em setores como a siderurgia, a mineração, as confecções e as ferrovias, que marcou o fim do século XIX e começo do século XX, até

² Ver Zinn (1980, p. 270).

o estouro da Segunda Guerra Mundial. Os fatos mais marcantes deste período incluem a formação da central sindical de corte anarco-sindicalista *Industrial Workers of the World* em 1905,³ que praticava um sindicalismo militante tipificado como “um sindicalismo revolucionário e de massas”, que agrupava aos trabalhadores excluídos propositalmente de outras entidades sindicais, como as mulheres, os negros e os imigrantes asiáticos. Similarmente, a Grande Depressão dos anos 1930 foi o cenário que propiciou o crescimento de outra onda de sindicalismo militante, desta vez dirigido em parte por trabalhadores filiados ao Partido Comunista dos EUA (CPUSA), que culminou na formação do *Congress of Industrial Organizations* (CIO), em 1935. O CIO era uma central sindical também de massas que buscava estender a organização sindical aos trabalhadores não-qualificados e que tentava estimular a negociação coletiva por ramo econômico. (Gattie, 2018)

Contudo, o lado radical do sindicalismo estadunidense foi derrotado politicamente e organizacionalmente com o fim da Segunda Guerra Mundial e o desencadeamento da caça às bruxas dirigidas contra militantes do CPUSA no começo dos anos 1950. (Brick e Phelps, 2015, p. 64-65) A remoção física e política desses militantes nos primeiros anos da Guerra Fria, combinado com o endurecimento das leis trabalhistas sobre o direito à liberdade sindical e de greve, com a aprovação do *Taft Hartley Act* em 1947, e com o *boom* econômico pós-guerra, que propiciou uma melhora nas oportunidades laborais dos trabalhadores (brancos) estadunidenses, levou à extinção do sindicalismo militante de massas e à instauração do “sindicalismo de negócios” (*business unionism*). Esse tipo de sindicalismo tem sido caracterizado por sua representação apenas de um subconjunto de trabalhadores de uma categoria determinada, sem maiores pretensões de lutar para a classe como um todo. O sindicalismo de negócios é dirigido por funcionários profissionais, com relativamente pouca participação da base. (Ross, 2007, p. 16) O foco estratégico dessa vertente do sindicalismo é fornecer benefícios específicos para os filiados através apenas da negociação bilateral, em vez de estimular lutas mais amplas para mudanças legislativas a favor do conjunto da classe. Essa escolha estratégica por parte do movimento sindical estadunidense no momento do seu auge nos anos 1950 e 1960, explica em parte por que, até hoje, não existe um sistema público de proteção social mais abrangente nos EUA. (Albiston e Fisk, 2021, p. 14)

Com o fim da longa época pós-guerra, denominada a “Era de Ouro” por Hobsbawm (1994), que foi caracterizado por pleno emprego, a consolidação da hegemonia do dólar e o crescimento econômico ininterrompido nos países centrais, o movimento sindical estadunidense começou a estagnar e depois encolher drasticamente a partir dos anos 1980. Segundo Walsh (2012, p. 193), uma série de fatores externos e internos convergiram para impulsar esse declínio. A nível externo, os principais fatores foram o fomento das cadeias globais de produção e, com elas, o aumento exponencial na terceirização e *offshoring* de empregos americanos, a queda na produção industrial nacional e o crescimento do setor dos serviços (que contava com pouca presença dos sindicatos) e a intensificação das práticas antissindicais por parte dos empregadores americanos. Como fatores internos, Walsh identificou a burocratização sindical e o distanciamento entre os líderes sindicais e as bases, escolhas estratégias erradas com respeito aos setores alvos para os novos processos de sindicalização e a dissociação entre o movimento sindical e outros movimentos sociais, como o movimento das mulheres,

³ Ver Zinn (1980, p. 329).

o movimento LGBTQ+ e o movimento negro. Como resultado, o número de greves caiu 71% entre 1981-1991, a taxa de sindicalização nos EUA despencou de 23,3% em 1980 a 16,3% 10 anos mais tarde, e o modelo do sindicalismo de negócios entrou em crise. (Master, 2023, p. 7)

Em resposta, surgiu um novo modelo sindical nos EUA, denominado “sindicalismo liberal” (*labor liberalism*) por Burns (2022), mas também conhecido como “sindicalismo social” (*social unionism*), nas palavras de Ross (2007, p. 17), ou “sindicalismo dos movimentos sociais” (*social movement unionism*), segundo alguns autores como Walsh (2012). Esse modelo, que surgiu nos anos 1990 e foi adotado mais amplamente na primeira década do século XXI, pode ser caracterizado como um sincretismo entre o sindicalismo de negócios conservador e o sindicalismo radical de massas praticado antes da Guerra Fria. Parecido com o sindicalismo radical, as pautas do sindicalismo social vão além de demandas apenas corporativistas, incorporando reivindicações que beneficiariam toda a classe, como os aumentos no salário mínimo, a expansão dos direitos sindicais via uma reforma das leis trabalhistas e o reconhecimento dos direitos dos trabalhadores migrantes. (Walsh, 2012, p. 194) Entretanto, de forma similar ao sindicalismo de negócios, os protagonistas do sindicalismo social são os dirigentes e assessores profissionais dos sindicatos, pouco influenciados pelas bases nos momentos de tomada de decisões. Os líderes profissionais dos sindicatos mobilizam as bases para participar nas atividades de campanha, como piquetes, boicotes e protestos, mas não estimulam a auto-organização dos próprios trabalhadores do setor alvo da campanha. (McAlevey, 2016, p. 11) Exemplos emblemáticos do sindicalismo social estadunidense foram as campanhas “*Fight for 15*”, que defendia um aumento no salário mínimo para os trabalhadores do setor de serviços, e “*Justice for Janitors*,” dirigida pelo sindicato SEIU, que procurava sindicalizar trabalhadores migrantes do setor da limpeza urbana. (Burns, 2022, p. 42-43) Deve-se mencionar que o sindicalismo social e o sindicalismo de negócios coexistiam nesse período, com muitos sindicatos, por exemplo do setor industrial e da construção civil, mantendo as estratégias e estruturas mais identificadas com o sindicalismo de negócios.

Apesar das inovações táticas e estratégicas implementadas pelo sindicalismo social nos últimos anos, o sindicalismo estadunidense continuou a perder poder quantitativamente e qualitativamente. Esforços emblemáticos para sindicalizar novos trabalhadores na região conservadora do Sul fracassaram, por exemplo nas montadoras de carros da Nissan em Mississippi e da Volkswagen no Tennessee, e uma proposta de lei para facilitar os processos de sindicalização (o *Employee Free Choice Act*) não foi sancionada, mesmo quando o Partido Democrata possuía uma maioria nas duas câmaras do Congresso estadunidense em 2009-2010. (Uetrict e Eidlin, 2019, p. 37) Igualmente, a taxa de sindicalização não parou de declinar, chegando a apenas 10% em 2023, segundo o *US Bureau of Labor Statistics – BLS* (2024).

Neste contexto, uma nova forma de sindicalismo (mas que remete a tipificações passadas, dentro da tradição radical) começou a se consolidar em anos recentes. Chamada de “sindicalismo de luta de classes” (*class struggle unionism*), esta nova onda de ativismo sindical surgiu como um dos produtos da revolta de muitos trabalhadores jovens contra as crescentes desigualdades socioeconômicas no país, que teve uma expressão política nas pré-campanhas à presidência do senador socialdemocrata Bernie Sanders em 2016 e 2020. As sementes desse novo sindicalismo também podem ser en-

contradas no mal-estar dos trabalhadores “essenciais,” que eram desproporcionalmente jovens, negros e mulheres, que foram obrigados a trabalhar sem as devidas proteções sanitárias durante a pandemia de COVID-19 enquanto os seus empregadores acumulavam mais e mais riqueza no conforto dos seus “*home offices*”. (Silverman, 2023) Segundo Burns (2022), a principal diferença entre o sindicalismo de luta de classes e o sindicalismo social é a orientação estratégica que coloca a participação da base em primeiro lugar, com os assessores assalariados e os dirigentes sindicais afastados dos locais de trabalho relegados a um segundo plano nos momentos de planejamento e implementação das principais ações sindicais. Do mesmo modo, o sindicalismo de luta de classes rejeita a orientação política do sindicalismo social, que procura influenciar por dentro as estruturas do Partido Democrata, ocupando a posição de parceiro social *júnior* em meio aos interesses contraditórios desse partido multiclassista. O sindicalismo de luta de classes possui um número maior de líderes e ativistas que auto-identificam como socialistas. (Maisano, 2020, p. 27) Esses sindicalistas anticapitalistas buscam influenciar o sistema partidário estadunidense por fora, agudizando os conflitos de interesses entre as classes sociais e priorizando a ação direta militante das bases através de greves, ocupações e mobilizações nos locais de trabalho, em vez de realizar ações de *advocacy* em Washington. (Burns, 2022, p. 57) A seguir, vamos examinar dois estudos de caso emblemáticos que mostram as inovações políticas e organizativas do novo sindicalismo estadunidense, para depois construir um saldo preliminar dos impactos qualitativos e quantitativos da implementação das novas estratégias por parte dessa fração insurgente do movimento sindical nos EUA.

3. A importância da democracia interna e da organização externa os casos do *Starbucks Workers United* e do *United All Workers for Democracy*

Num dia congelante de dezembro na cidade pequena de Buffalo, estado de Nova Iorque no ano 2021, 19 trabalhadores (ou “parceiros”, usando a nomenclatura da empresa) da loja de café Starbucks votaram para se filiar ao novo sindicato de base, o *Starbucks Workers United* (SBWU). Esse fato desencadeou uma série relâmpago de campanhas de sindicalização nessa empresa líder no setor de *fast-food* nos EUA. Hoje em dia, após menos de três anos de campanhas de sindicalização, quase 12.000 trabalhadores empregados em 495 lojas de Starbucks, localizadas em 47 dos 50 estados dos EUA, são filiados ao SBWU.⁴ A campanha bem-sucedida de sindicalização no Starbucks é um fato inédito no setor de bares e restaurantes, que conta com uma densidade sindical de apenas 1,2% segundo o BLS (2021), devido à prevalência dos contratos de trabalho intermitentes e à alta rotatividade dos trabalhadores, que tendem a ser jovens com uma ampla diversidade com respeito às categorias étnico-raciais e de identidade de gênero. (Zhavoronkova, Khattar e Brady, 2022)

Como os trabalhadores do Starbucks conseguiram se organizar tão rapidamente e tão amplamente, dado as dificuldades estruturais à organização sindical no setor? Primeiro, como foi mencionado anteriormente, os promotores da campanha sindical conseguiram canalizar o sentimento arraigado de mal-estar entre os trabalhadores da empresa na conjuntura pós-pandêmica, por terem sido obrigados a arriscar suas vidas e as vidas das suas famílias, apenas para poder servir *frappucinos* e *flat whi-*

⁴ Ver SBWU (2024).

tes aos clientes antes mesmo que as vacinas para COVID-19 fossem disponíveis à população nos EUA. (Blanc, 2025, p. 122-123) No caos pandêmico, a importância de ter um sindicato como guarda-chuva protetor tornou-se evidente, sobretudo num país que não conta com uma legislação que assegure para todos direitos trabalhistas fundamentais como licenças remuneradas em casos de doença. (Albiston e Fisk, 2021, p. 26) Do mesmo modo, a campanha conseguiu se aproveitar das taxas baixíssimas de desemprego na pós-pandemia, que ajudou a relativizar o medo dos trabalhadores que potencialmente poderiam chegar a ser demitidos por tentar formar um sindicato. Devemos mencionar que, de fato, esse medo não foi infundado, porque efetivamente, mais do que 100 trabalhadores do Starbucks perderam seus empregos ilegalmente por formar parte do comitê promotora do sindicato entre 2021-2022. (Logan, 2023, p. 88)

Em segundo lugar, ao contrário de outras campanhas de sindicalização nos EUA, essa campanha foi dirigida pela base e não meramente para a base, sem depender fundamentalmente no trabalho organizativo de assessores pagos, conhecido como *organizers*. (Blanc, 2024, p. 82) Os próprios trabalhadores que conseguiram organizar campanhas bem-sucedidas de sindicalização nas suas lojas serviram como mentores principais para os trabalhadores de outras lojas que desejavam fazer o mesmo, em vez de deixar o trabalho de planejamento estratégico das campanhas e de formação de lideranças sindicais para os *organizers* pagos pelo sindicato SEIU, ao qual SBWU está filiado. Isto facilitou o crescimento rápido das campanhas de sindicalização, reduzindo os custos brutos assumidos por SEIU,⁵ e também diminuiu a efetividade da tentativa dos empregadores de caracterizar o SBWU como um agente “externo” controlado pelos interesses do “*big labor*” que “distorceria” a cultura de relações de trabalho dentro da empresa. Por último, o SBWU conseguiu empregar métodos criativos de comunicação pública, utilizando as redes sociais mais populares entre os jovens, como o TikTok, para encorajar outros trabalhadores jovens a se unirem à campanha e para denunciar as práticas antissindicais constantes da empresa. (Logan, 2023, p. 90)

Em terceiro lugar, o SBWU conseguiu aproveitar do clima político favorável ao movimento sindical sob o governo Biden nos primeiros três anos após sua conformação como sindicato nacional. Em particular, durante seu mandato, Biden nomeou conselheiros de viés pró-trabalhador para o sistema administrativo da justiça de trabalho dos EUA (conhecido como o *National Labor Relations Board* – NLRB). Esses conselheiros, em particular a Conselheira Geral Jennifer Abruzzo, emitiram pareceres favoráveis ao SBWU em centenas de casos envolvendo práticas antissindicais cometidas pela empresa, incluindo demissões sumárias de ativistas sindicais, assédio de trabalhadores pró-sindicais por parte dos gerentes, e a recusa a estender certos benefícios econômicos e não-econômicos outorgados a trabalhadores não-sindicalizados aos trabalhadores que decidissem exercer seu direito fundamental à sindicalização. (Starbucks, 2024) Segundo dados compilados por Blanc (2025, p. 129), a empresa já gastou mais de US\$ 240 milhões com os seus esforços para bloquear as campanhas de sindicalização e para se defender ante o NLRB.

Entretanto, apesar do sucesso incontestável das campanhas de sindicalização no Starbucks, o SBWU ainda não conseguiu negociar sua primeira convenção coletiva com essa multinacional, por causa das ações ilegais antissindicais praticadas de forma corriqueira pela empresa, que incluem demissões, fechamento de lojas que votam a

⁵ Ver Blanc (2024, p. 77).

favor da sindicalização com o SBWU e o descumprimento das normas que a obrigam a negociar em boa-fé com o sindicato. (Carlton, 2024) Após uma greve envolvendo mais de 200 lojas em novembro de 2023 (“a rebelião dos copos vermelhos”) e ações de pressão política denunciando o CEO do Starbucks por violar as leis trabalhistas no Senado estadunidense,⁶ a empresa consentiu com a organização de uma “estrutura” para conduzir as negociações em fevereiro de 2024, mas até agora só duas rodadas de negociações foram efetivamente realizadas, sem nenhum resultado definitivo. Tudo indica que, com a chegada do novo governo neautoritário do Donald Trump, em janeiro de 2025,⁷ o SBWU vá precisar ampliar suas estratégias de mobilização de novo, para impedir que a empresa aproveite da nova conjuntura política desfavorável às forças progressistas para sair definitivamente da mesa de negociação com o sindicato. O SBWU e a empresa já concordaram, em janeiro de 2025, em acionar os serviços de um mediador privado para tentar agilizar as negociações, mas ao mesmo tempo o setor jurídico de Starbucks está esperando que as mudanças pró-empresariais propostas por Trump ao NLRB entrem em vigor logo, para poder se esquivar dos impactos das mais de 600 queixas de práticas antissindicais contra a empresa que ainda estão sendo examinadas por essa instância administrativa juridicamente vinculante. (Purifoy, 2025)

Além de estimular campanhas inéditas de sindicalização em empresas multinacionais como Starbucks, Amazon e Apple, a nova onda de “sindicalismo de luta de classes” nos EUA também contempla as ações de oposições sindicais dentro de organizações sindicais já estabelecidas, lutando para expandir a democracia sindical e para empurrar esses sindicatos à esquerda. Neste sentido, o caso mais emblemático de uma vitória de uma oposição sindical “radical” nos últimos anos foi o da tendência interna de oposição *United All Workers for Democracy* (UAWD) que ganhou as eleições internas no sindicato nacional dos metalúrgicos, o *United Autoworkers* (UAW) em março de 2024, assim destronando a tendência interna do sindicato (a *Administration Caucus*) que liderou a organização por mais de 70 anos. (UAWD, 2021)

O UAW era um sindicato forjado na luta para expandir a representação sindical aos trabalhadores das indústrias automobilísticas, centradas no estado de Michigan, nos anos 1930. O sindicato foi um pilar do sindicalismo radical de massas representado pelo CIO e, mesmo depois dos expurgos macarthistas dos ativistas sindicais comunistas fundadores do UAW nos anos 1950, o sindicato seguiu uma tradição mais progressista, abraçando as causas do movimento dos direitos civis de Martin Luther King e adotando uma posição contra a Guerra do Vietnã, ao contrário das políticas anticomunistas propagadas pela central sindical AFL-CIO naquele momento. (Lannon e Rogoff, 2002-2003, p. 539) Entretanto, o sindicato começou a perder força política e filiados com a ascensão ao poder do Ronald Reagan e a aplicação das políticas econômicas neoliberais por seu governo nos anos 1980. O processo de desindustrialização intensificou após a assinatura do Tratado de Livre Comercio de América do Norte (TLCAN) em 1994, com a perda de aproximadamente 350.000 empregos no setor automotivo nas primeiras duas décadas de vigência do TLCAN. (Porter, 2016) Com a hemorragia de filiados, o UAW começou a filiar trabalhadores em outros setores econômicos, especialmente no setor da educação superior, ganhando uma nova camada de ativistas que trabalham como assistentes de pesquisa, professores e técnicos-administrativos

⁶ Ver Durbin (2023).

⁷ [N.E.] O artigo foi redigido e submetido à revista no início do segundo mandato de Donald Trump.

nas universidades do país, que tendem a ser politicamente mais à esquerda do que outras frações da base da UAW. Enquanto isso, as lideranças do sindicato representando a *Administration Caucus* abriram mão de vários dos direitos trabalhistas consagrados nas convenções coletivas com as grandes empresas do setor automotivo como estratégia defensiva, além de perderem batalhas emblemáticas para sindicalizar novas fábricas da Nissan e da Volkswagen localizadas fora de Michigan, na região politicamente conservadora do Sul. (Brooks, 2017)

Com a *Administration Caucus* demonstrando grandes fragilidades, especialmente após a deflagração de um escândalo de corrupção envolvendo dois ex-Presidentes do sindicato além de outra dúzia de suas lideranças, um grupo de ativistas sindicais progressistas se uniram para formar a UAWD em 2019, que depois se inscreveu para disputar as eleições para o Comitê Executivo do sindicato em 2022. (Blanc, 2025, p. 112) Para a campanha eleitoral, a UAWD montou uma chapa que refletia a diversidade geográfica, setorial, racial e de gênero da base da UAW, e organizou sua estratégia em conjunto com formações políticas de esquerda inseridas no movimento sindical, como o grupo de ativistas sindicais em torno da revista *Labor Notes*, e o Comitê Sindical Nacional da DSA, o maior agrupamento político de socialistas nos EUA. Utilizando a rede de contatos construído pacientemente por opositores de longa data do *Administration Caucus* e canalizando a energia dos novos filiados no setor da educação superior, a UAWD conseguiu ganhar a maioria dos assentos no Comitê Executivo do sindicato⁸ e também a Presidência, com o candidato carismático Shawn Fein.

Essa mudança interna na orientação do sindicato já está tendo impactos externos significativos. Poucos meses após as eleições em 2023, os novos líderes da UAW conduziram uma greve histórica, que simultaneamente atingia os três maiores empregadores do setor automotivo estadunidense, mobilizando mais de 145.000 trabalhadores. Como resultado, o sindicato ganhou aumentos salariais reais para todos os trabalhadores das três empresas, a reativação de linhas de produção fechadas após a crise econômica de 2008 e o direito a sindicalização para os trabalhadores envolvidos na produção de carros elétricos para as empresas General Motors e Stellantis. (DiMaggio, 2023) Ao mesmo tempo, influenciado por membros da DSA e de outras formações de esquerda que atualmente ocupam cargos no sindicato, o UAW está tomando posições políticas ousadas com respeito a temas internacionais. Em particular, o UAW está encabeçando uma rede sindical em solidariedade à Palestina, a *National Labor Network for Ceasefire*, e participando em protestos, coletivas de imprensa e até greves em apoio a um cessar-fogo imediato e incondicional para parar os massacres de civis em Gaza. Esse tipo de posicionamento militante internacionalista remete aos tempos fundacionais do sindicato nos anos 1930, e ecoa a chamada dos proponentes do “sindicalismo de luta de classes” para fomentar um “internacionalismo de classe” de natureza anti-capitalista e anti-imperialista. (Burns, 2022, p. 73) Contudo, como veremos adiante, sob a presidência recém-instalada do Trump, o UAW também tem sinalizado um apoio crítico a medidas tarifárias extremas implementadas pelo governo atual,⁹ o que poderia comprometer pelo menos parcialmente a credibilidade da guinada “anti-imperialista” do UAW.

⁸ Ver Boguslaw (2023).

⁹ Ver IN (2025).

4. Os impactos preliminares das mudanças sindicais nos EUA: avanços qualitativos com estagnação quantitativa

A nova onda sindical que começou a florescer nos últimos anos nos EUA claramente representa a retomada de uma tradição de ação sindical menos conciliadora e mais radical por parte de uma fração do movimento sindical estadunidense. Contudo, ainda está em aberto a questão sobre a capacidade dessas novas experiências sindicais de frear o declínio do sindicalismo estadunidense como um todo. Para tentar encontrar respostas a essa pergunta, empregaremos a teoria dos recursos de poder sindical detalhada anteriormente.

Com respeito ao poder estrutural, relacionado ao posicionamento do movimento sindical nos setores estratégicos da economia, o impacto do novo sindicalismo nos EUA é ambíguo. Por um lado, os sindicatos que compõem esse movimento têm sido capazes de desenvolver ações coletivas contundentes, como a greve do UAW mencionado acima, e de usar eficazmente seu posicionamento para poder extrair dos empregadores uma ampliação de seus direitos trabalhistas. Como exemplo, no “verão quente sindical” de 2023, o sindicato *Teamsters* (com um novo quadro de dirigentes nacionais que pareciam ter afinidade com o sindicalismo de luta de classes recentemente empossado) entrou em estado de greve contra a maior empresa de logística do país, a UPS. Com piquetes e ações nas redes sociais, conseguiu arrancar para os seus filiados melhores condições salariais e de saúde no trabalho na mesa de negociação coletiva. (Yurkevitch e Isidore, 2023)

Segundo o *ILR Labor Action Tracker*,¹⁰ 539.000 trabalhadores estavam envolvidos em 470 greves e paralizações sindicais em 2023, um aumento significativo em comparação com as 180 greves envolvendo apenas 44.000 trabalhadores em 2021. Entretanto, mais de 69% das ações grevistas registradas em 2023 se concentravam em setores como os hotéis e restaurantes (lideradas pelo SBWU), entretenimento (como a greve dos atores de Hollywood filiados ao *Screen Actors Guild*) e educação (tanto superior quanto fundamental, principalmente envolvendo o UAW e os *United Teachers of Los Angeles*), sem fomentar uma militância mais arraigada nos setores mais estratégicos para a economia, como os da indústria de transformação e os transportes. (Ritchie, Kallas e Iyer, 2024, p. 5)

Analisando a evolução do poder associativo dos sindicatos estadunidenses no contexto do estouro do novo sindicalismo, podemos também avaliar os impactos como contraditórios. O poder associativo relaciona-se com a representatividade dos sindicatos e com sua capacidade de desenvolver estratégias coletivas para se contrapor aos interesses dos empregadores. (Schmalz, 2017, p. 25) Neste quesito, os sindicatos, principalmente aqueles envolvidos nas novas formas de organização sindical pela base, têm aumentado seus esforços para filiar novos trabalhadores, realizando mais de 2.600 eleições para ganhar representação sindical em novos locais de trabalho durante o período de outubro de 2023 a julho 2024, com os trabalhadores votando a favor da representação sindical em 79% dos casos, segundo os dados do NLRB. (Wiessner, 2024) Em comparação, no ano calendário de 2021, só 1.013 eleições sindicais foram realizadas pelo NLRB, com uma porcentagem de sucesso de 72%. (Kochan *et al.*, 2023, p. 340) Apesar desses esforços, a taxa de sindicalização não aumentou nos últimos anos, che-

¹⁰ Ver Ritchie, Kallas e Iyer (2024, p. 3).

gando à cifra historicamente baixa de 10%, como mencionado anteriormente. As razões que explicam a persistência da tendência de uma redução na densidade sindical incluem o crescimento robusto no número de novos empregos gerados pela economia estadunidense na pós-pandemia, ofuscando proporcionalmente o aumento no número de trabalhadores recém-sindicalizados e o fato de que, em 2023, mais de 58% das campanhas de filiação sindical aconteceram em locais de trabalho com poucos trabalhadores,¹¹ como as lojas de Starbucks, que costumam empregar menos de 25 trabalhadores cada.

Olhando agora para o poder institucional, relacionado com o poder de influência em espaços institucionais, o saldo dos últimos anos para o sindicalismo estadunidense tem sido mais negativo do que positivo. Apesar do governo do Presidente Joe Biden se autoproclamar “o governo mais a favor dos sindicatos na história dos EUA”, ele não se empenhou para conseguir a aprovação no Congresso de um importante reforma trabalhista, o *PRO Act*, que facilitaria a realização das campanhas de sindicalização e penalizaria mais severamente os empregadores que praticam atos antissindicalistas. (French, 2024) Apesar do fato de que os conselheiros do NLRB nomeados por Biden têm emitido decisões importantes para facilitar a sindicalização dos trabalhadores terceirizados e proteger os trabalhadores que realizam campanhas de sindicalização de demissões ilegais por parte dos empregadores, uma sentença recente da Corte Suprema dos EUA pode limitar a capacidade do NLRB a criar novas regras a favor dos trabalhadores tentando se sindicalizar. (Theodore, Fox e Kratchovil, 2024)

Com respeito ao poder societal, que mede o poder da comunicação pública dos sindicatos e sua capacidade de construir alianças com outros grupos sociais, podemos afirmar que houve um aumento na percepção positiva do movimento sindical entre a população estadunidense. Segundo uma pesquisa em agosto de 2022 realizada pela firma Gallup, 71% dos norte-americanos tem uma opinião positiva sobre os sindicatos, a porcentagem mais alta desde 1965. (Kochan *et al.*, 2023, p. 337) Essa avaliação positiva é ainda mais prevalente entre os trabalhadores mais jovens, com 77% a favor dos sindicatos. Aliás, os trabalhadores jovens têm uma opinião particularmente favorável à participação política dos sindicatos estadunidenses da nova onda sindical em campanhas conjuntas com organizações que lutam pela igualdade racial¹² e também pelo fim do envolvimento dos EUA na guerra atual declarada por Israel na Faixa de Gaza. Apesar do Partido Republicano ser solidamente pró-empregador e não apoiar projetos de lei pró-sindicalistas como o *PRO Act*, até eles enxergaram a necessidade de incluir palestrantes sindicalistas no Congresso do partido realizado em julho de 2024,¹³ para assim capitalizar sobre a percepção especialmente favorável a respeito dos sindicatos neste momento.

Entretanto, a onda pró-sindical que se afinçou dentro de frações significativas da classe trabalhadora estadunidense nos últimos anos não se traduziu numa vitória de algum candidato pró-sindical nas contendas eleitorais presidenciais de novembro de 2024, por diversas razões. A retórica pseudo-populista de Trump tenta esconder um projeto político altamente elitista, nativista e chauvinista, em completo desacordo

¹¹ Ver Fong (2024).

¹² Ver Blanc (2024, p. 79).

¹³ Ver Zahn (2024).

com o papel do movimento sindical como indutor de reduções nas desigualdades sociais e econômicas que marcam profundamente o país¹⁴ e especialmente com o projeto ainda mais libertador do sindicalismo de luta de classes. Nos menos de três meses desde o dia infame de inverno quando o Trump tomou posse pela segunda vez, seu governo utilizou uma interpretação enviesada de uma lei desconhecida de 1978 para “justificar” a eliminação total do direito básico à negociação coletiva para mais de um milhão de servidores públicos federais. (Greenhouse, 2025) Do mesmo modo, o governo Trump já demitiu a Conselheira Geral do NLRB, Jennifer Abruzzo, que se destacou durante os anos do Biden sua defesa aguerrida dos direitos sindicais, e o novo governo também está socavando deliberadamente a capacidade do governo federal de fiscalizar as condições de saúde e segurança no trabalho (Fontaine Jr., 2025), e de aplicar as leis vigentes que proíbem a discriminação racial, étnica e de gênero nos locais de trabalho. Até a política comercial de Trump, caracterizada por instituir tarifas altíssimas contra todos os principais parceiros comerciais dos EUA, incluindo o México e a China, implementada em teoria para induzir a criação de mais empregos “bons” no setor industrial estadunidense, provavelmente irá deteriorar as condições econômicas da classe trabalhadora no curto e médio prazos, por elevar o custo de bens de consumo essenciais – tanto duráveis como os automóveis quanto não-duráveis como roupas e calçados. (The Budget Lab, 2025) Tudo isso significa que estamos vendo atualmente uma inflexão na capacidade dos trabalhadores estadunidenses e do movimento sindical organizado nos EUA de recalibrar a correlação de forças entre capital e trabalho, graças à investida antissindical do governo Trump. Ou seja, as condições encaradas pelos trabalhadores norte-americanos neste momento não se assemelham àquelas de poucos meses atrás, no auge do “verão quente sindical” de 2023, e isso vai influenciar significativamente as possibilidades de aumentar o poder sindical e de revitalizar o movimento sindical como um todo, porque como o próprio Marx proclamou famosamente, “Os homens fazem sua própria história mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. (Marx, 1997, p. 21)

Como conclusões preliminares, podemos constatar que a nova onda sindical nos EUA tem estimulado uma atuação mais militante, incluindo a organização greves nacionais, por parte das organizações sindicais aderindo a essa onda, a incorporação de pautas mais abrangentes, que vão além de demandas meramente corporativistas, e um aumento de interesse nos processos de sindicalização entre a classe trabalhadora, em geral, e os trabalhadores jovens estadunidenses, em particular. É importante reconhecer que, apesar dessa onda só tomar força nos últimos anos, a militância sindical que está empurrando uma fração dos sindicatos estadunidenses à esquerda foi construída com base em experiências ativistas sindicais socialistas de outrora. Nas palavras da coordenadora do NLC-DSA, Sarah Hurd,

Nosso trabalho é diretamente ligado aos movimentos anteriores, como os *Teamsters for a Democratic Union* (TDU). Os militantes de TDU e do *Labor Notes* eram pessoas teimosas, que não desistiram de seus projetos de organização sindical. Essas estruturas eram a antessala para o crescimento geral da esquerda. Vimos como uma nova onda de trabalhadores radicalizados, incluindo membros da DSA, começarem a conseguir empregos na empresa

¹⁴ Ver Wallace, Hyde e Vachon (2022, p. 2-3).

UPS nos últimos anos. E para poder fomentar as ações sindicais mais ousadas para pressionar a UPS a oferecer melhores condições aos seus empregados, esses trabalhadores dependiam dos conhecimentos dos trabalhadores antigos que mantiveram sua militância por tantos anos, devido à força de suas ideias socialistas. Aprendemos que apenas duas pessoas podem ser suficientes para transmitir essas ideias às novas gerações. Nós vamos fazer crescer a esquerda sindical, contando com essas estruturas mais antigas como o TDU e o *Labor Notes*, porque acreditamos que a classe trabalhadora merece tudo!¹⁵

Apesar da força desse entusiasmo recente com o sindicalismo nos EUA, infelizmente o movimento sindical não conseguiu crescer quantitativamente ainda, devido em parte às dificuldades de fomentar mudanças na legislação trabalhista para agilizar os processos de organização sindical e de desencorajar mais as práticas antissindicais por parte da classe empresarial. Isso, por sua vez, pode ser explicado pelo fato de os EUA não ter um partido semelhante ao Partido dos Trabalhadores (PT) do Brasil, enraizado historicamente, programaticamente e institucionalmente dentro do movimento sindical. Claro que, por conta das configurações das regras partidárias e eleitorais nos EUA, a criação de um partido trabalhista eleitoralmente viável no país é um projeto de longo prazo. Entretanto, no curto e médio prazo, veremos se os sindicatos estadunidenses seguirão reinventando suas estratégias qualitativas de organização e ação coletiva, mesmo nessa nova conjuntura menos favorável sob o governo Trump, para que possam ajudar a superar as desigualdades socioeconômicas históricas e estruturantes que dividem as classes hegemônicas e contra-hegemônicas nos EUA.

¹⁵ Entrevista com Sarah Hurd, Co-coordenadora do Comitê Sindical Nacional dos *Democratic Socialists of America*, 23/11/2023, por Zoom.

Referências

- ALBISTON, Catherine & FISK, Catherine. “Precarious work and precarious welfare: how the pandemic reveals fundamental flaws of the US safety net”. *Berkeley Journal of Employment and Labor Law*, Berkeley, California, v. 42, 2021, p. 1-59.
- BIELER, Andreas. “Agency and the power resources approach: asserting the importance of the structuring conditions of the capitalist social relations of production”. *Global Labour Journal*, v. 9, n. 2, 2018, p. 243-248.
- BLANC, Eric. “Worker-to-worker organizing goes viral”. *New Labor Forum*, New York, v. 33, n. 1, 2024, p. 77-83.
- BLANC, Eric. *We are the union*. Oakland, California: University of California Press, 2025.
- BLS. “A look at union membership rates across industries in 2020”. *US Bureau of Labor Statistics*, Washington, DC, 21/02/2021. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/ted/2021/a-look-at-union-membership-rates-across-industries-in-2020.htm>. Acesso em: 05/06/2025.
- BLS. “Union members summary”. *US Bureau of Labor Statistics*, Washington, DC, 23/01/2024. Disponível em: <https://www.bls.gov/news.release/union2.nr0.htm>. Acesso em: 05/06/2025.
- BOGUSLAW, Daniel. “United auto workers on brink of unprecedented leadership upset”. *The Intercept*, 07/03/2023. Disponível em: <https://theintercept.com/2023/03/07/uaw-union-election-shawn-fain/>. Acesso em: 05/06/2025.
- BRECHER, Jeremy. *Strike!* Boston: South End Press, 1997.
- BRICK, Howard & PHELPS, Christopher. *Radicals in America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BROOKS, Chris. “Why did nissan workers vote no?” *Labor Notes*, New York, 11/08/2017. Disponível em: <https://labornotes.org/2017/08/why-did-nissan-workers-vote-no>. Acesso em: 05/06/2025.
- BURNS, Joe. *Class struggle unionism*. Chicago: Haymarket Books, 2022.
- CARLTON, Emily. 2024. “Starbucks Union Busting and the Labor Movement”. *Berkeley Political Review*, Berkeley, California, 05/02/2024. Disponível em: <https://bpr.studentorg.berkeley.edu/2024/02/05/starbucks-union-busting-and-the-labor-movement/>. Acesso em: 05/06/2025.
- CLUA-LOSADA, Monica & HORN, Laura. “Analysing labour and the crisis: challenges, responses and new avenues”. *Global Labour Journal*, v. 5, n. 2, 2014, p. 102-113.
- DIMAGGIO, Dan. “Big 3 buckled as stand-up strike spread”. *Labor Notes*, New York, 31/10/2023. Disponível em: <https://labornotes.org/2023/10/big-3-buckled-stand-strike-spread>. Acesso em: 05/06/2025.
- DURBIN, Dee-Ann. “Starbucks leader grilled by Senate over anti-union actions.” *AP*, 29/03/2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/starbucks-bernie-sanders-howard-schultz-union-94ab6a1e4e1302d5808f600f19a99085>. Acesso em: 05/06/2025.

- FONG, Benjamin. “Labor’s gains?”. *Phenomenal World*, 04/09/2024. Disponível em: <https://www.phenomenalworld.org/analysis/labors-gains/>. Acesso em: 05/06/2025.
- FONTAINE Jr., Bernard L. “The demise of NIOSH – could OSHA be next?” *Industrial Safety & Hygiene News*, 02/04/2025. Disponível em: <https://www.ishn.com/articles/114674-the-demise-of-niosh-could-osha-be-next>. Acesso em: 05/06/2025.
- FRENCH, Nick. “Let’s be sober about the limits of Bidenomics”. *Jacobin*, 14/07/2024. Disponível em: <https://jacobin.com/2024/07/bidenomics-pro-act-ira-unions>.
- GATTIE, Frank. “What is the CIO in the AFL-CIO?” *National Employment Law Project*, Washington, DC, 09/11/2018. Disponível em: <https://www.nelp.org/cio-1935/>. Acesso em: 05/06/2025.
- GREENHOUSE, Steven. “Trump claimed he was pro-worker. His new order shows how absurd that was”. *The Guardian*, 01/04/2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/apr/01/trump-workers-unions-executive-order>. Acesso em: 05/06/2025.
- HERNANDEZ, Richard. “The fall of employment in the manufacturing sector”. *Monthly Labor Review*, Washington, DC, ago, 2018. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/mlr/2018/beyond-bls/the-fall-of-employment-in-the-manufacturing-sector.htm#:~:text=But%20there%20are%20far%20fewer,mil-lion%20jobs%20lost%20since%201980>. Acesso em: 05/06/2025.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914–1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HYMAN, Richard. “Europeização ou erosão das relações laborais?”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 62, jun., 2002, p. 7-32.
- IN a Victory for Autoworkers, Auto Tariffs Mark the Beginning of the End of NAFTA and the “Free Trade” Disaster. *UAW*, 26/03/2025. Disponível em: <https://uaw.org/tariffs-mark-beginning-of-victory-for-autoworkers/>. Acesso em: 05/06/2025.
- KOCHAN, Thomas A. *et al.* “An overview of US workers’ current organizing efforts and collective actions”. *Work and Occupations*, v. 50, n. 3, 2023, p. 335-350.
- LANNON, Albert Vetere & ROGOFF, Marvin. “We shall not remain silent: building the anti-Vietnam War movement in the House of Labor”. *Science & Society*, v. 66, n. 4, 2002-2003, p. 536-544.
- LOGAN, John. “A model for labor’s renewal? The Starbucks campaign”. *New Labor Forum*, New York, v. 32, n. 1, 2023, p. 87-97.
- MAISANO, Chris. “On-again/Off-again: the relationship between socialism and US labor”. *New Labor Forum*, New York, v. 29, n. 2, 2020, p. 25-35.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MASTER, Bob. “The strike: snatching victory from the jaws of defeat”. *New Labor Forum*, New York, v. 32, n. 3, 2023, p. 6-15.
- MCALEVEY, Jane F. *No shortcuts: organizing for power in the new gilded age*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

- PORTER, Eduardo. "Nafta may have saved many autoworkers' jobs". *The New York Times*, 29/03/2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/03/30/business/economy/nafta-may-have-saved-many-autoworkers-jobs.html>. Acesso em: 05/06/2025.
- PURIFOY, Parker. "Trump labor board jeopardizes Starbucks union's litigation path". *Bloomberg Law*, 18/02/2025. Disponível em: <https://news.bloomberglaw.com/daily-labor-report/starbucks-union-losing-footing-as-trump-overhauls-labor-board>. Acesso em: 05/06/2025.
- RAMALHO, José Ricardo & SANTANA, Marco Aurélio. "Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social." In: RAMALHO, José Ricardo & SANTANA, Marco Aurélio. *Além da fábrica*, São Paulo: Boitempo, 2003, p. 11-43.
- RITCHIE, Kathryn; KALLAS, Johnnie & IYER, Deepa. *Labor action tracker: annual report 2023*. Ithaca, NY: ILR School, Cornell University, 2024.
- ROSS, Stephanie. "Varieties of social unionism: towards a framework for comparison". *Just Labour: A Canadian Journal of Work and Society*, v. 11, 2007, p. 16-34.
- SAAD-FILHO, Alfredo. *A era das crises*. São Paulo: Contracorrente, 2023.
- SBWU. "SBWU union stores". *Starbucks Workers United*, 2024. Disponível em: <https://sbworkersunited.org/#stores>. Acesso em: 05/06/2025.
- SCHMALZ, Stefan. "Los recursos de poder para la transformación sindical". *Nueva Sociedad*, out., 2017, p. 20-41.
- SCHMALZ, Stefan; LUDWIG, Carmen & WEBSTER, Edward. 2018. "The power resources approach: developments and challenges". *Global Labour Journal*, v. 9, n. 2, 2018, p. 113-134.
- SILVERMAN, Jana. 2023. "Canhões para a guerra, fumaça e espelhos para os trabalhadores estadunidenses: o segundo ano do governo Biden". *Revista Esquerda Petista*, v. 14, 2023, p. 13-17.
- STARBUCKS workers united announces filing of 47 new federal unfair labor practice charges against Starbucks, showing company's lawbreaking has continued even after it promised workers a new approach. *Businesswire*, 06/02/2024. Disponível em: <https://www.businesswire.com/news/home/20240206304102/en/Starbucks-Workers-United-Announces-Filing-of-47-New-Federal-Unfair-Labor-Practice-Charges-Against-Starbucks-Showing-Company's-Lawbreaking-Has-Continued-Even-After-it-Promised-Workers-a-New-Approach>. Acesso em: 05/06/2025.
- THE BUDGET LAB, "Where we stand: the fiscal, economic, and distributional effects of all U.S. tariffs enacted in 2025 through April 2". *The Budget Lab at Yale*, New Haven, CT, 02/04/2025. Disponível em: <https://budgetlab.yale.edu/research/where-we-stand-fiscal-economic-and-distributional-effects-all-us-tariffs-enacted-2025-through-april>. Acesso em: 05/06/2025.
- THEODORE, Mark; FOX, Joshua & KRATOCHVIL, Michael. "Two blockbuster U.S. Supreme Court decisions may spell end of NLRB's expansion of reach of NLRA as well as how agency prosecutes cases". *Labor Relations Update*, 01/07/2024. Disponível em: <https://www.laborrelationsupdate.com/2024/07/articles/nlrb/two-blockbuster-u-s-supreme-court-decisions-may-spell-end-of>

nlrbs-expansion-of-reach-of-nlra-as-well-as-how-agency-prosecutes-cases/. Acesso em: 05/06/2025.

UAWD. “How the Administration Caucus came to power”. *Unite All Workers for Democracy*, 30/06/2021. Disponível em: <https://uniteallworkers4democracy.org/how-the-administration-caucus-came-to-power/>. Acesso em: 05/06/2025.

UETRICHT, Micah & EIDLIN, Barry. “U.S. union revitalization and the missing ‘militant minority’”. *Labor Studies Journal*, v. 44, n. 1, 2019, p. 36-59.

WALLACE, Michael; HYDE, Allen & VACHON, Todd. “States of inequality: politics, labor, and rising income inequality in the U.S. states since 1950”. *Research in Social Stratification and Mobility*, v. 78, 2022, p. 1-14.

WALSH, Jane Sucheichert. “A ‘new’ social movement: US labor and the trends of social movement unionism”. *Sociology Compass*, v. 6, n. 2, 2012, p. 192-204.

WIESSNER, Daniel. “US union organizing, and unions’ election win rate, is surging, NLRB says”. *Reuters*, 17/07/2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/legal/litigation/us-union-organizing-unions-election-win-rate-is-surging-nlrbsays-2024-07-17/>. Acesso em: 05/06/2025.

YURKEVITCH, Vanessa & ISIDORE, Chris. “UPS and Teamsters reach a labor deal, potentially avoiding a crippling strike”. *CNN*. 25/07/2023. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/07/25/business/ups-teamsters-deal-strike/index.html>. Acesso em: 05/06/2025.

ZAHN, Max. 2024. “Republicans at the RNC signaled support for unions. Here’s why experts are skeptical”. *ABC News*. 19/07/2024. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Business/top-republicans-shifting-favor-unions-experts/story?id=112059465>. Acesso em: 05/06/2025.

ZHAVORONKOVA, Marina; KHATTAR, Rose & BRADY, Mathew. *Occupational segregation in America*. Washington, DC: Center for American Progress, 2022.

ZINN, Howard. *A people’s history of the United States*. New York: Harper Perennial, 1980.

Recebido em 18 de abril de 2025

Aprovado em 29 de abril de 2025